



## **A MULHER COM DEFICIÊNCIA NO ESPORTE: PERSPECTIVAS DE ATLETAS PARALÍMPICAS**

**Palavras-Chave: Mulher, deficiência, Esporte Paralímpico**

**Autoras:**

**NÁTHALI FERNANDA FELICIANO (FEF UNICAMP)  
Profª Dra. MARIA LUÍZA TANURE ALVES (FEF/UNICAMP)  
Profª Ma. ISABELLA DOS SANTOS ALVES (FEF/UNICAMP)**

### **INTRODUÇÃO**

A participação da mulher no esporte, ainda que tenha aumentado significativamente nas últimas décadas, merece ser analisada com cautela. Isso significa afirmar que não são iguais as condições de acesso e participação das mulheres, se comparado aos homens, seja no campo das práticas corporais e esportivas, no esporte de rendimento, no lazer, na educação física escolar, na visibilidade conferida pela mídia, nos valores de alguns prêmios atribuídos aos vencedores e vencedoras de competições esportivas, entre outras. Ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades e as relações de poder, conferidos a mulheres e homens (GOELLNER, 2005).

O esporte tem sido associado ao corpo atlético masculino, que é visto como um corpo forte e capaz, sem deficiências e danos (DEPAUW, 1997; HARDIN et al., 2002). A pessoa com deficiência em primeiro lugar é julgada e analisada através de seus corpos, vistos como imperfeitos, incompletos e inadequados. Com isso, as mulheres com deficiência são sujeitas a uma tripla discriminação, pois não se enquadram na perspectiva do corpo atlético ideal; não correspondem à masculinidade, que apresenta atributos necessários para o desempenho esportivo como, força, habilidade, resistência, velocidade, agressividade, independência e coragem; e, ainda, são julgadas como o segundo sexo (DE BEAUVOIR, 1953; FIGUEIREDO, 2014; HARGREAVES, 1994; SCHANTZ; GILBERT, 2001).

Os estudos sobre a mulher com deficiência no esporte ainda são escassos, mas a literatura aborda questões semelhantes à mulher no esporte, abordando as dificuldades e obstáculos que elas possuem dentro e fora do contexto esportivo. Um estudo realizado por Nicolau, Schraiber e Ayres (2013) mostrou que as narrativas das mulheres com deficiência estão relacionadas com vivências de rejeição ou superproteção familiar, dificuldades em adquirir equipamentos e materiais para sua autonomia, menor participação social, obstáculos à vivência da sexualidade e da maternidade, falta de acessibilidade física, comunicacional e atitudes pouco receptivas nos serviços de saúde, caracterizando total vulnerabilidade. Relacionada a esta questão, Haiachi (2018), coloca o envolvimento da mulher com deficiência com o esporte como uma possibilidade de novas relações sociais que se estendem ao fundamental senso de pertencimento e também à construção de sua nova identidade, a atlética. Através do esporte, atletas em atividade ou já afastadas da prática esportiva conquistam a autonomia, que é comprovada pelo cotidiano vivenciado e que está diretamente associada ao empoderamento obtido por essas atletas (HAIACHI, 2018).

Contudo, os esportes, sejam de rendimento ou recreativos, promovem os papéis tradicionais de gênero e sustentam a hegemonia masculina (BRYSON, 1987). Os homens são socialmente

condicionados a fisicalidade, a agressão, a aceitação de riscos e a dominação, e o esporte é uma instituição social primária que reforça essas expectativas de masculinidade (MESSNER, 1988). As mulheres, por outro lado, são socializadas para evocar uma versão antiquada de feminilidade que enfatiza equilíbrio, elegância, docilidade e beleza (ALLISON, 1991), que está em desacordo com o esporte. Estas relações podem ser observadas já na infância, onde as garotas com deficiência muitas vezes não são encorajadas ou ensinadas a se desafiar fisicamente por meio de esportes como o de seus colegas (HENDERSON; BEDINI, 1995) ao mesmo tempo que se desvinculam da identidade de pessoa com deficiência (APELMO, 2016; 2019)

Quando a mulher com deficiência entra no esporte e então começa a praticá-lo, além de questionar seus corpos, elas podem vivenciar um conflito de papéis devido à concepção de um ambiente tradicionalmente masculino (FALLON; JOME, 2007) e ao grande número de homens praticantes nestes contextos. Os esportes, principalmente aqueles dominados por homens, estimulam o entendimento de que as mulheres não pertencem à esfera atlética e ajudam a propagar os ideais tradicionais de feminilidade justapostos aos esportes. Sendo assim, a imagem cultural da mulher com deficiência aponta uma posição contraditória à medida que é compreendida como antítese à figura masculina e contraposta a "mulher normal" (APELMO, 2016). Dessa forma, quem são as mulheres com deficiência esportistas? E, quais suas perspectivas sobre serem mulheres, terem uma ou mais deficiências e comporem uma figura atlética?

## **OBJETIVO**

O estudo teve como objetivo investigar e analisar as perspectivas da mulher com deficiência no Esporte Paralímpico. A pesquisa foi realizada com foco no contexto social vivenciado e buscou compreender as relações, crenças, valores e comportamentos associados à participação feminina do Esporte Paralímpico de rendimento.

## **METODOLOGIA**

O estudo tem caráter qualitativo e exploratório com foco em atletas do sexo feminino do Esporte Paralímpico de alto rendimento. A pesquisa contou com a participação de quatro mulheres com deficiência, selecionadas de acordo com os seguintes critérios de inclusão: 1) atletas de modalidades esportivas paralímpicas entre 18 e 35 anos; 2) participação em competições oficiais do comitê paralímpico brasileiro por no mínimo três anos; 3) atletas com deficiência física ou visual.

Com objetivo de buscar a perspectiva de atletas mulheres com deficiência no esporte, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com roteiro pré-estruturado elaborado pelas pesquisadoras responsáveis, com questões abertas. As entrevistas foram analisadas através da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), a qual tem como objetivo explorar e compreender o tema estudado através do discurso dos participantes e consiste no processo de reconhecimento, codificação e classificação da informação (PATTON, 2002). Posteriormente, o material foi codificado individualmente em unidades de registro através de palavras, frases ou partes do texto, que permitiram a identificação das categorias presentes (BARDIN, 2011). Após este estágio, os temas emergentes das entrevistas e documentos foram categorizados em categorias temáticas e depois realizado o processo de interpretação dessas categorias (PATTON, 2002).

## **RESULTADOS**

Seguindo a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), bem como processo de reconhecimento, codificação e classificação da informação (PATTON, 2002) e a construção e interpretação das categorias (BARDIN, 2011), quatro grandes categorias foram formadas, sendo elas: ser deficiente, ser normal, ser mulher e ser atleta.

*Ser deficiente*

O “ser deficiente” se apresenta e é compreendido pela mulher com significados distintos frente ao seu envolvimento no esporte. Anteriormente ao esporte, as participantes do estudo apresentaram sua compreensão pautada no modelo médico da deficiência. Dessa forma, a incapacidade foi constantemente associada com a deficiência, na qual se destaca os relatos negativos sobre limitações e dependências que surgiram após adquirir uma deficiência. Uma vez que as mulheres se auto relataram como desvinculadas de um corpo saudável e de uma vida independente, a deficiência foi entendida como uma tragédia individual. Além disso, as participantes também falaram sobre a experiência da deficiência associada ao sentimento de se sentir encarada, i.e. observada com questionamento, que ocorre de forma negativa (visibilidade de sua deficiência) e/ou positiva (exemplo de “superação” quando estão na posição de atletas paralímpicas).

#### *Ser normal*

Para as participantes do estudo, o “ser normal” se relaciona com o oposto do significado associado ao ser deficiente, havendo uma resistência da visão da deficiência como uma limitação e incapacidade. Desta forma, ser normal é se contrapor ao modelo médico, é se mostrar capaz e independente nas atividades realizadas no cotidiano. As mulheres deficientes descreveram que o “normal” significa ter liberdade e autonomia para a escolha e a realização das atividades básicas da vida diária, bem como a possibilidade de não ser percebida (encarada) e não ser tratada diferentemente (a pessoa se adapta às tarefas e aos contextos).

#### *Ser mulher*

Nesta categoria as participantes destacam as experiências e percepções do “ser mulher”. Algumas atletas destacaram a compreensão social de fragilidade em oposição à compreensão social de força e agressividade associada aos homens. Outra participante, falou sobre a beleza feminina, que tem sua importância enfatizada como uma forma de empoderamento pessoal e de representação para outras mulheres. Além disso, através dos relatos foi possível observar uma certa passividade/subordinação nas escolhas relacionadas à carreira esportiva das atletas, que se destacou como algo natural e esperado do “ser mulher” pela mulher deficiente. Dessa forma, pode-se afirmar que neste contexto, o conceito e a visão de ser mulher se apresentaram de maneira fluida, específica e diversa para as mulheres participantes do estudo.

#### *Ser atleta*

Neste ponto os discursos das participantes convergem sobre a experiência e significado de ser atleta paralímpica de rendimento. O Esporte Paralímpico trouxe novas percepções e conceitos para a vida das atletas paralímpicas. A partir dos relatos é possível observar que ele produziu diferentes sentidos e significados para essas mulheres, e a conquista de uma identidade relacionada a capacidade foi um dos fatores mais presentes nas falas. Através do Esporte Paralímpico as atletas passaram a aceitar suas deficiências como sua identidade e respeitar suas características.

## **DISCUSSÃO E CONCLUSÃO**

A experiência das mulheres com deficiência ainda é invisível em relação aos homens com deficiência e ao feminismo (BÊ, 2020). No esporte, ambiente historicamente construído para o homens (RUBIO, 2021) com o foco na capacidade e no corpo atlético (DEPAUW, 1997; HARDIN et al., 2002), mulheres têm lutado para conquistar espaço e superar preconceitos mostrando sua força e competitividade entre incentivos e interdições (GOELLNER, 2005).

Nascer ou adquirir uma deficiência foi assumido como um papel negativo neste estudo. As participantes demonstraram perspectivas baseadas no modelo médico e revelaram como a deficiência as tornaram incapazes, dependentes e sujeitas a serem encaradas. De fato, o discurso pautado no modelo médico coloca a deficiência como emergente individualmente em circunstâncias

congenitas e/ou adquiridas (OLIVER, 1996). Esta concepção direciona a cuidados e medidas para a cura e/ou medicalização da deficiência a fim de minimizar características que supostamente limitam o indivíduo (PARSONS, 1975).

Uma vez que a percepção de si é negativa, pelo entendimento de um corpo que desvia do “normal”, a percepção de outras pessoas também foi aderida ao conteúdo do “ser deficiente” para as mulheres participantes deste estudo. Garland-Thomson (2009) argumenta o poder do ato de encarar e ser encarado como um gesto interrogativo. Por comporem um papel de “aparência extraordinária”, pessoas com deficiência constituem essas situações de questionamento e constrangimento, em especial as mulheres com deficiência, que recebem uma tripla atenção no contexto esportivo por comporem o entrelaçamento das categorias sociais gênero e deficiência (SETH; DHILLON, 2019).

Por outro lado, “ser normal” foi a sensação de ser reconhecida como “não deficiente” para as participantes. Corroborando com o estudo de Apeldoorn (2016), Blinde e McCallister (1999), mulheres com deficiência esportistas buscam ser vistas como capazes, independentes e responsáveis por suas atividades diárias. São várias as estratégias para demonstrar essas competências. No presente estudo, uma participante relatou que, em vez de esperar um contexto esportivo acessível, ela sempre se adaptava para se sentir incluída. Em outros momentos, a associação com e/ou contra os homens em contexto esportivo foi narrada com orgulho, demonstrando a importância dessa comparação ao grupo masculino.

“Ser mulher” foi representado de forma diferente entre as participantes, mostrando uma variedade de significados atribuídos a isso. Algumas se percebem como frágil, enquanto outras se auto descrevem como mulheres empoderadas que precisam inspirar outras mulheres. Bê (2020) sintetiza as necessidades das mulheres com deficiência não no sentido de busca pela independência, mas com objetivo de interdependência, ou seja, na dependência mútua entre as pessoas na sociedade. Portanto, faz-se necessário desvincular a ideia de dependência *versus* independência de mulheres com e sem deficiência, respectivamente. Embora todas as entrevistadas sejam atletas de esportes individuais, o sentimento de pertencimento à equipe e, portanto, a interdependência, é tão importante como a busca pela autonomia nas atividades de vida diária, de treino, competição e outros.

Por fim, “ser atleta paralímpica” revelou um significado para além da representação de uma figura talentosa. Grande parte dos discursos mostrou como os esportes trouxeram liberdade às participantes. Ser uma atleta com deficiência significa ter uma identidade com deficiência, um posicionamento de performance e empoderamento e, sobretudo, a responsabilidade de inspirar mais mulheres a se aderirem ao esporte. A busca pelo aumento da participação de mulheres, igualdade de oportunidades de participação, bem como o rompimento de barreiras pessoais e sociais em contexto paralímpico já é de longa data (CIDADE; BEATRIZ; FERREIRA, 2002). Felizmente observa-se um incremento na participação feminina nas Paralimpíadas de 22% para 39% com relação a primeira e a última edição dos jogos de verão. Contudo, incentivos e oportunidades às mulheres com deficiência acompanhados de especialização de profissionais são necessários para um aprimoramento expressivo no número de participantes e na qualidade no treinamento desenvolvido direcionado às especificidades femininas.

## BIBLIOGRAFIA

- ALLISON, Maria T. Role conflict and the female athlete: Preoccupations with little grounding. **Journal of applied sport psychology**, v. 3, n. 1, p. 49-60, 1991.
- APELMO, Elisabet. **Sport and the Female Disabled Body**. 1. ed. New York, USA: Routledge, 2016.
- APELMO, Elisabet. ‘You do it in your own particular way.’ Physical education, gender and (dis) ability. **Sport, Education and Society**, v. 24, n. 7, p. 702-713, 2019.

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições, v. 70, 2011.
- BÊ, A. Feminism and disability: A cartography of multiplicity. In: WATSON, N.; VEHMAS, S. (Eds.). **Routledge Handbook of Disability Studies**. 2. ed. New York, USA: Routledge, p. 421–435, 2020.
- BLINDE, E. M.; MCCALLISTER, S. G. Women, disability, and sport and physical fitness activity: The intersection of gender and disability dynamics. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 70, n. 3, p. 303–312, 1999.
- BRYSON, Lois. Sport and the maintenance of masculine hegemony. In: **Women's studies international forum**. Pergamon, 1987. p. 349-360.
- CIDADE, R. E.; BEATRIZ, M.; FERREIRA, R. Mulheres e Desporto Adaptado : Revisando as Recomendações dos Organismos Internacionais. **Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 7, n. 1, p. 33–37, 2002.
- DE BEAUVOIR, S. O segundo sexo. 1ed. London, UK: **Lowe and Bry**, 1953.
- DEPAUW, Karen P. The (1n) visibility of disability: cultural contexts and “sporting bodies”. **Quest**, v. 49, n. 4, p. 416-430, 1997.
- FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. Gênero e Deficiência: uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 484-497, 2014.
- GARLAND-THOMSON, Rosemarie. **Extraordinary bodies: Figuring physical disability in American culture and literature**. Columbia University Press, 1997.
- GILBERT, Keith; SCHANTZ, Otto. An Ideal Misconstrued: Newspaper Coverage of the Atlanta Paralympic Games in Grance and Germany. **Sociology of Sport Journal**, p. 69-94, 2001.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.
- HAIACHI, Marcelo de Castro et al. Different views of (dis) ability: Sport and its impact on the lives of women athletes with disabilities. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 18, n. 1, p. 55-61, 2018.
- HARDIN, Marie et al. Olympic photo coverage fair to female athletes. **Newspaper Research Journal**, v. 23, n. 2-3, p. 64-78, 2002.
- HARGREAVES, J. **Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports**. London: Routledge, 1994.
- HENDERSON, Karla A.; BEDINI, Leandra A. “I have a soul that dances like Tina Turner, but my body can't”: Physical activity and women with mobility impairments. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 66, n. 2, p. 151-161, 1995.
- MESSNER, Michael A. Sports and male domination: The female athlete as contested ideological terrain. *Sociology of sport journal*, v. 5, n. 3, p. 197-211, 1988.
- NICOLAU, Stella Maris; SCHRAIBER, Lilia Blima; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Mulheres com deficiência e sua dupla vulnerabilidade: contribuições para a construção da integralidade em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 863-872, 2013.
- OLIVER, M. **Understanding Disability: From Theory to Practuce**. 1. ed. New York, USA: Macmillan International Higher Education, 1996.
- PARSONS, T. The Sick Role and the Role of the Physician Reconsidered. **Health and Society**, v. 53, p. 257–278, 1975.
- PATTON, Michael Quinn. Two decades of developments in qualitative inquiry: A personal, experiential perspective. **Qualitative social work**, v. 1, n. 3, p. 261-283, 2002.
- RUBIO, K. Uma história de muitas mulheres. In: RUBIO, K. (Ed.). **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta**. 1. ed. São Paulo, Brasil: Laços, p. 11–14, 2021.
- SETH, N.; DHILLON, M. **Intersections of disability and gender in sports: Experiences of Indian Female Athletes** Disability, CBR and Inclusive Development, 2019.